

## Que país é este? O impasse da literatura brasileira

[28/05/1988]

O que está acontecendo com a literatura brasileira? É uma pergunta que se fazem, neste país, leitores, críticos, editores e escritores. As obras de ficção tornam-se raras nas livrarias; mais que isso, falta-lhes o humor e a imaginação que eram seu principal característico num passado não muito remoto. Existe uma crise editorial, parte da crise econômica geral. O preço dos livros sobe constantemente, empurrado por uma inflação astronômica, que chega aos 800%. Em consequência, o público compra menos livros nas poucas livrarias do país, as editoras estão reduzindo seus lançamentos; aumentam os estabelecimentos que vendem livros usados e as copiadoras funcionam como nunca.

Mas a crise não é só quantitativa, ela é qualitativa também. Nas listas das obras mais vendidas (estabelecidas segundo critérios nebulosos), figuram sempre os best-sellers norte-americanos. Mais que isso, o público brasileiro decididamente está preferindo as obras não ficcionais, como se constata pelos livros mais vendidos dos últimos anos: *O que é isso, companheiro?*, de Fernando Gabeira, *Olga*, de Fernando Morais, biografia da mulher do len-

dário comunista Luis Carlos Prestes; sem falar no *Analista de Bagé*, do nosso Veríssimo. Além disso, *Rumo à Estação Finlândia*, de Edmund Wilson, lançado nos Estados Unidos há quase sessenta anos, vendeu 50 mil exemplares, um número apreciável num país em que as tiragens em geral estão em torno de 3 mil exemplares. O êxito do livro de Wilson, aliás, comprova o talento do *wonder boy* do mundo editorial brasileiro, Luiz Schwarcz, um homem que alia a sensibilidade à criatividade. Seu último lançamento, uma coletânea de entrevistas com escritores (seleção da *Paris Review*) tinha 3 mil capas diferentes, executadas manualmente por artistas gráficos — um recurso que Schwarcz usou para atrair os leitores.

A mudança de preferência do público leitor reflete a desorientação que reina na ficção brasileira neste período que podemos chamar de pós-repressão. Durante vinte anos o país viveu sob uma ditadura militar que exerceu rigorosa censura sobre os meios de comunicação. Verdade que a repressão poupou a literatura, considerada pelos militares (e com razão) como elitista, e portanto inofensiva, mas mesmo assim livros foram apreendidos, gerando um clima de insegurança e de revolta nos meios intelectuais. Uma situação, aliás, que não é inteiramente prejudicial à criação literária: Jorge Luis Borges costumava dizer que a ditadura peronista lhe estimulava a imaginação, e algumas boas obras do chamado realismo mágico ou realismo fantástico brasileiro apareceram nesse período. Com a volta da democracia, surge uma espécie de perplexidade: não há mais ditadores caricaturais, a fronteira entre o bem e o mal fica indistinta, o branco e o preto na paisagem política dão lugar ao cinzento universal.

Uma situação que não é característica do Brasil. O mesmo aconteceu, por exemplo, em Portugal. Após uma ditadura de

quarenta anos, esperava-se que as gavetas dos escritores portugueses se abrissem e que de lá saíssem as obras-primas produzidas durante a repressão. Foi preciso que alguns anos se passassem para que a literatura lusitana ganhasse a força que hoje constatamos na obra de um José Saramago. Na Argentina, a arte que se manifestou com mais vigor após a democratização foi o cinema. Filmes como *A história oficial* contribuíram para o lento e doloroso processo de introspecção pelo qual passou o povo argentino após a Guerra das Malvinas e a derrocada da ditadura.

*Eppur si muove*. Apesar de tudo, a literatura brasileira está dando, novamente, sinais de vida. E já se pode antever que temas mobilizarão os escritores nos próximos anos. Em primeiro lugar, a História: a literatura deverá buscar, no passado recente e remoto do país, resposta para a inquietante pergunta que sintetiza a perplexidade brasileira: que país é este? Qual a razão das repetidas crises institucionais? Nesse sentido, a ficção deverá dar voz a grupos até agora excluídos da vida intelectual: mulheres, emigrantes, negros. Este ano celebra-se o centenário da abolição da escravatura, uma medida que o Brasil adotou tardiamente, e a nova intelectualidade negra do país está disposta a fazer dessa comemoração um *turning point* para esse marginalizado grupo — em termos de sua expressão cultural.

Há uma crise na literatura brasileira, sim, mas tudo indica que o país sairá dela. Diz-se que o Brasil está à beira de um abismo, mas que não cairá nele por uma simples razão — o país é maior do que qualquer abismo.

IN: SCLAR, MARY. "A Poesia das coisas  
simples: crônicas". São Paulo: Companhia  
das Letras, 2012, pag. 32-34.